



**DRE**

**ILONA SZABÓ**  
COM **ISABEL CLEMENTE**

**DROGAS: AS HISTÓRIAS QUE NÃO TE CONTARAM**

PREFÁCIO **DRAUZIO VARELLA**

**GAZ**

 **ZAHAR**

Copyright © 2017, Ilona Szabó de Carvalho

Copyright desta edição © 2017:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 - 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Tamara Sender, Carolina Sampaio

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Ilustração de capa: Cadu França/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

Szabó, Ilona  
S991d Drogas: as histórias que não te contaram/Ilona Szabó com Isabel Clemente; [prefácio Drauzio Varella]. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Apêndice

Glossário

ISBN 978-85-378-1620-2

1. Drogas - Ficção brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Clemente, Isabel. II. Varella, Drauzio. III. Título.

16-38127

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

# INTRODUÇÃO

## PRECISAMOS FALAR SOBRE DROGAS

**S**empre tive muito medo de perder o controle de situações, tendo planos para tudo e sendo responsável até demais. Drogas ilícitas estiveram presentes em poucos episódios da minha juventude. Já o álcool regou encontros e desencontros com amigos sem ofuscar o fascínio que nutro por outras fontes de prazer na vida – viagens, yoga, boas leituras e trocas de experiências com pessoas queridas.

Na adolescência, meus pais nem se preocuparam muito comigo. Não dei muito trabalho e havia outros três filhos para tomarem conta. Para ser sincera, não lembro se tivemos alguma conversa específica sobre drogas. Recordo apenas de meu pai me dizendo que se eu andasse com pessoas que usavam drogas, poderia me dar mal, mesmo que eu não fizesse uso. Na breve recomendação paterna, o medo estava presente.

Eu não podia imaginar que um dia revisitaria esse momento tão distante com papéis invertidos. O que pensariam meus pais quando soubessem que eu decidira falar sobre drogas publicamente, um assunto tão controvertido? Acostumados com meus interesses profissionais para lá de incomuns, não acharam nada de mais.

Eu já havia me envolvido com debates sobre juventude e violência, reforma da polícia e regulação de armas, quando coordenei uma grande campanha e centenas de postos de coleta numa das maiores campanhas de desarmamento do mundo, feita aqui no Brasil.

Mas falar sobre drogas ainda não é fácil e exige muito dos envolvidos. Não basta ter argumentos convincentes nem informações confiáveis. Os

debates esbarram muitas vezes em uma muralha chamada medo, a parte mais visível de uma fortaleza construída com preconceitos e a proibição como único caminho possível. Acontece que tabus também despertam fascínio. Minha imersão no tema foi se transformando numa curiosa e muitas vezes velada obsessão à medida que eu descobria o quanto esse preconceito afeta gravemente todos nós, os que usam ou não usam drogas, os que gostam e os que não gostam.

Precisamos, mais do que nunca, falar sobre drogas. Em muitos lares essa conversa é marcada pela desinformação, pelo temor de mães sobre violência policial contra seus filhos e por histórias de fracassos familiares na busca por tratamento para parentes com sérias dependências.

Como mãe, pretendo passar para minha filha a mensagem que considero a mais acertada: “Meu amor, a vida trará muitas sensações, e você não precisa de drogas para experimentá-las. Drogas trazem riscos e eu gostaria que você não se arriscasse. Estarei sempre disposta a conversar sobre esse assunto e te ajudar se precisar.” Pode ser que meu discurso funcione e dê tudo certo lá na frente. Que ela jamais se arrisque e encontre formas saudáveis de experimentar as emoções que uma vida comporta. Mas nossos filhos não vivem numa bolha. Eles conviverão com substâncias, lícitas e ilícitas, na escola, na rua, nas viagens.

Não estamos no controle de todos os possíveis desdobramentos de uma existência. A jornada de cada um é imprevisível, inclusive a de nossos filhos.

E por me colocar no lugar de pessoas que enfrentarão dificuldades e que precisarão de ajuda, a minha bandeira se chama política pública, que vem a ser a mais abrangente das estratégias. Uma política pública bem-elaborada funciona como a rede de proteção para o equilibrista na corda bamba. Ela está lá para amparar os que não conseguirem se equilibrar sozinhos. Uma política pública não pode ser pensada a partir de crenças e vontades individuais porque ela se destina ao coletivo. Tem que ser boa para mim e para você. Servir a todos nós.

Confesso ter me questionado em várias ocasiões sobre qual seria a melhor alternativa para a sociedade lidar com as drogas. Na busca por

essa resposta, conheci nos últimos doze anos histórias de muitos personagens afetados pela cadeia do tráfico. Vi de perto experiências inovadoras adotadas em diversos países, na Europa, no Canadá, nos Estados Unidos e também aqui do nosso lado, na América Latina e no Caribe.

Foi como mudar a lente de uma máquina fotográfica. Saiu de cena o foco nas substâncias e seus riscos para revelar um quadro muito maior, cheio de imagens escondidas. O retrato ampliado, no qual as drogas ficaram de lado, me mostrou pessoas com histórias de vida interligadas por dramas. Uma fotografia nada bonita de se ver.

Este livro é o desenrolar do quebra-cabeça capturado por essa foto. É também um convite para trocar a lente da câmera com a qual cada um de nós olha o mundo. Quando começamos a desconfiar de certas crenças, abrimos caminho para novas informações e pontos de vista que poderão, quem sabe, reconstruir um debate realmente inovador sobre as drogas.

A primeira parte do livro, uma narrativa ficcional inspirada em pessoas reais, nos leva da Colômbia ao Rio de Janeiro. Daniel espelha a vida de milhares de adolescentes colombianos que perderam suas famílias e foram entregues a grupos armados que têm no narcotráfico uma de suas principais fontes de financiamento. Irina encarna um drama vivido por mulheres que se arriscaram no transporte de drogas, apesar da legislação rígida sem nenhum tipo de perdão. Mete-Bala é o apelido de um jovem traficante de dezessete anos que conheci certa vez durante um trabalho, um rapaz que um dia sonhou ser dançarino e que morreria pouco tempo depois do nosso encontro numa troca de tiros com a polícia, como tantos outros dos quais também pouco sabemos. Jaqueline retrata os dilemas da força policial, encarregada de uma luta que ela sabe inglória. E, finalmente, Carlos Eduardo, um jovem como outro qualquer, com medos, erros e acertos na luta contra a dependência.

Na segunda parte, você saberá o que aconteceu com cada um desses personagens. Conhecerá também caminhos alternativos adotados por cidades e países que decidiram apostar em novas abordagens e políticas sobre drogas. Eles oferecem lições que mudaram a forma de muita gente pensar, inclusive eu. Na essência, o que você tem em mãos é uma

aventura ficcional repleta de cenários e dados reais. Uma tentativa de construir uma visão mais ampla sobre as consequências negativas da atual guerra às drogas e os possíveis caminhos para a sociedade lidar com a questão de forma mais equilibrada.

Quanto mais informações tivermos, mais livres e mais bem preparados estaremos para tomar decisões e ajudar o outro a fazer boas escolhas.

---

**1**

## **A CADEIA DAS DROGAS**



## DANIEL

---

No Dia das Bruxas, máscaras de abóboras recortadas em cartolinas laranja formavam um varal no salão. As luzes apagadas permitiam que a iluminação de velas derretidas sobre pires acrescentasse um acabamento quase profissional ao faz de conta.

Na casa de dois andares, com fachada em cimento, telhado de zinco e um pequeno quintal, vivem vinte crianças e adolescentes. São meninas e meninos resgatados ou devolvidos por grupos armados ilegais, depois de anos servindo como escravos sexuais, cozinheiros, serviçais e combatentes.

Muitos deixaram de ser crianças em vários sentidos. Testemunharam e participaram de atrocidades. Cresceram sem referência familiar. Usaram drogas. Foram doutrinados para desrespeitar leis e, à margem da sociedade, obedecer a regras que cumpridas ou descumpridas poderiam custar-lhes a vida.

Crianças e adolescentes eram o lado mais frágil da guerra civil que atormentou a Colômbia por mais de meio século, em disputas que opunham grupos guerrilheiros, paramilitares e forças do Estado.

Esses pequenos ex-soldados poderiam estar presos, embrenhados na selva em acampamentos nômades ou mortos, mas, instalados em seu novo lar, numa das muitas ruas sem calçamento da periferia de Bogotá, trocaram armas por brinquedos, batalhas pela escola. Improvisaram fantasias de fantasmas, vampiros e bruxas para brincar de vencer o medo numa noite fria no final de outubro de 2006.

Neste novo cenário é difícil imaginar que as vidas ainda tão breves dessas crianças foram marcadas por episódios brutais.

Pode este novo ambiente rico em afeto e respeito curar os traumas de guerra? As crianças-soldado que montaram minas terrestres e lutaram como adultos são vítimas ou foram algozes? A história de Daniel e de milhares de outras crianças-soldado é uma complicada busca por respostas.

Franzino, Daniel aparenta menos idade do que seus dezessete anos de vida. Para a festa do Dia das Bruxas, arrumou um pano preto como capa e um batom vermelho para simular sangue nos lábios. Usou fécula de milho para empalidecer o rosto e surpreendeu ao desenhar um crucifixo no braço, um contraste inesperado num vampiro, avesso ao símbolo da cruz e tido como uma criatura do mal. Dois garotos mais fortes caíram na gargalhada.

“Sou um vampiro católico. Estou protegido! Já tentaram me matar várias vezes mas ainda estou aqui, porque, no fundo, sou do bem!”

Como parte da encenação, Daniel forja uma arma com os dedos e, em seguida, uma cruz. Se a bondade está na profundidade de sua alma, é graças às brincadeiras que ela começa a vir à tona. Ele não é imortal como gostaria, mas diverte seus colegas contando os muitos episódios de seu quase encontro com a morte.

Os colegas da escola ficam invariavelmente impressionados, até os que já passaram por algo parecido – porque é a maneira de Daniel contar histórias que faz a diferença. Como se ele enxergasse os acontecimentos por um ângulo inusitado.

“Fiquei parado atrás da árvore, escondido, e a morte, caolha, passou batido por mim!”, diz, sobre um dos tiroteios que enfrentou.

E foi quase isso o que aconteceu. Naquele dia, enquanto esperava a morte passar, Daniel resolveu checar se a bomba que explodira havia pouco era a mina que ele enterrara na véspera. Não era bom com armas mas aprendera a montar explosivos. Quando foi espionar, um tiro pegou de raspão sua testa. A cabeça ardeu e, da ferida, jorrou tanto sangue que até as águas do rio nas quais limpou o machucado foram tingidas de vermelho, exagera ele, para uma plateia de olhos arregalados, incrédula.

Seu inimigo naquele episódio sangrento na selva era o Exército colombiano, o mesmo ao qual cinco anos depois ele iria se entregar. De inimigo a aliado, o Exército teve papéis decisivos e contrários na vida do menino, uma ajuda e tanto para perceber cedo como pequenas escolhas podem influenciar o curso de uma história.

Qual Daniel prevaleceria: o que participou de batalhas armadas na selva ou o que em ato de desespero e coragem fugiu e pediu ajuda tempos depois?

Atingido na cabeça, Daniel ficou fora de combate por uma semana e, enquanto se recuperava, na enfermaria dos guerrilheiros, caiu nas graças de um dos comandantes da frente onde servia. Foi transferido para a tenda preta, na qual só o líder dormia, com a desculpa de que ali seria mais bem cuidado. Antes de chegar lá, porém, urinou na maca. Ele tinha apenas doze anos. Sobre essa história, Daniel se cala.

Filho mais velho de cinco irmãos, Daniel nasceu e cresceu numa zona agrícola, entre a selva amazônica e a planície colombiana, para onde seus avós se mudaram nos anos 1960. Como as demais famílias, vieram estimulados por governos que falavam em povoar os vazios do país e levar até lá estradas, escolas e hospitais. O povo acreditou e foi viver na nova fronteira. Já as promessas não foram cumpridas.

Esquecida pelo poder público, a região se converteu em um centro de disputas sangrentas por terras sem dono e em um dos muitos territórios dominados pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, as Farc – grupo armado que esteve em conflito com o governo colombiano por mais de meio século e para o qual Daniel foi entregue pela família aos onze anos de idade.

As Farc, que assinaram um acordo de paz com o governo da Colômbia em 2016, ambicionavam tomar o poder e usavam métodos violentos em sua campanha, incluindo sequestros. Contam-se milhares de vítimas ao longo de cerca de trinta anos,<sup>1</sup> uma realidade que Daniel conheceria na prática. Além dos sequestros, a cadeia de produção ilegal da cocaína se tornou uma das principais fontes de financiamento dos guerrilheiros e

movimenta ainda hoje uma economia que é o único sustento viável de famílias abandonadas à própria sorte, como a de Daniel.

Na maior parte dos casos, essas famílias se envolvem com o cultivo da folha de coca, planta para a qual nunca faltam compradores – violentos, ilegais e armados, mas que pagam pela mercadoria. Pouco, mas pagam.

O cultivo de folha de coca não enriquece ninguém, apesar de ser o primeiro elo da lucrativa cadeia de produção, venda e consumo da cocaína. “Ele alivia a vida da gente”, dizia o pai de Daniel, que antes de ser *cocalero* tentou plantar pêssegos e abacaxis, assim como fizeram seus pais. Insistiu nisso porque era teimoso, na opinião da mulher, que, como ele, não estudou. O orgulho, mais do que qualquer informação, o obrigou a tentar o que podia para sobreviver antes de se submeter à lei do silêncio e ao jogo sujo dos grupos armados.

O pequeno sítio, de dois hectares, contava com um riacho de águas límpidas, onde os meninos costumavam brincar e, segundo a lenda local, até onça ia beber água. Ao entardecer, ninguém podia mais perambular por ali. Vai que o animal aparecia.

O rio compensava a falta de água encanada, enquanto a lua cheia, uma semana por mês, fazia as vezes de luz no quintal, porque postes e energia não existiam por aquelas bandas. A roça era tudo o que possuíam, não fosse um detalhe: nunca pertenceu a eles.

Sustentar a família com três colheitas de abacaxi por ano e duas de pêssego era impossível. A barraca ficava montada à beira da estrada. Um ou outro carro ou caminhão parava para comprar frutas e a bebida típica colombiana feita com suco de abacaxi fermentado, a *chicha*.

Conseguiam muito pouco. O estresse pela sobrevivência ditava o ritmo da vida, e a válvula de escape do casal era, muitas vezes, agredir-se mutuamente. Volta e meia, sobrava para as crianças.

Depois de muito ir e vir do sítio para a estrada, surgiu uma esperança. O pai de Daniel se associou a uma cooperativa. Soube do projeto pela boa vontade de um líder comunitário que se deu ao trabalho de ir até lá falar com ele. A ideia: somar esforços de pequenos agricultores, pegar finan-

ciamento e contratar transporte para escoar a produção. O pai de Daniel foi a pé até a cidade assinar os papéis como quem paga uma promessa antecipada, prometendo a si mesmo que plantaria mandioca também. Para decepção de todos, o sonho não durou muito, ou melhor, secou aos poucos.

A Colômbia empreendia uma grande campanha de guerra às drogas para abandonar o título de maior produtor mundial de cocaína. Dentre as suas principais armas estavam aeronaves carregadas de glifosato, um composto químico lançado em voos rasantes sobre as plantações, um método agressivo de erradicação de cultivos ilícitos aplicado somente naquele país. O pequeno sítio onde viviam Daniel, os quatro irmãos e os pais entrou na rota dos aviões do governo colombiano escalados para destruir as plantações ilegais de coca.

Na primeira vez que isso aconteceu, em 2000, Daniel correu para se esconder com os irmãos dentro de casa. No dia seguinte, todos passaram mal. Uns vomitaram, outros tiveram diarreia. O instinto da mãe lhe dizia que as coisas estavam ligadas, embora ninguém no posto médico fosse capaz de confirmar sua desconfiança, por medo ou ignorância.

A correlação óbvia acontecia depois da chuva química: as folhas dos abacaxis começavam a secar e a planta morria. Na segunda vez que o avião passou, semanas depois, todos correram para limpar as folhas com a água do rio e salvar alguns pés de abacaxi. Poucos foram poupados.

Quando a destruição se consumou, Daniel viu o pai chorar pela primeira vez diante da plantação seca. Homem só chora por ódio e não por tristeza, o pai foi logo explicando. Indignado, ouviu depois na cooperativa que os aviões estavam despejando veneno sobre todo o país, e custou a acreditar que isso fosse verdade.

Os aviões não sobrevoavam toda a Colômbia, apenas as áreas remotas, inseridas no cultivo ilegal de coca, onde seria perigoso demais mandar que agentes arrancassem os arbustos um a um para poupar outros cultivos e seres vivos. Havia notícias de erradicadores de coca contratados pelo governo mortos por francoatiradores, uma história passada de boca em boca porque jornal ali não havia. Não estava fácil para ninguém.

Naquele ano, com o financiamento do governo americano, a Colômbia intensificara as missões aéreas que destruiriam milhares de hectares cultivados com coca.<sup>2</sup> Desde 1994, a estratégia de pulverizar herbicidas indiscriminadamente atingiu ao menos 1,6 milhão de hectares, ou um hectare a cada cinco minutos.<sup>3</sup> O impressionante número é a soma de pequenas propriedades atingidas, como o sítio da família de Daniel, onde não havia coca plantada. Não ainda.

Na cabeça do pai de Daniel, agora mais esvaziada de sonhos, nada fazia sentido, a não ser a lógica da região onde morava. Quem conseguia produzir pagava pedágios a achacadores para não ter a terra tomada. Improdutivo, ele vinha sendo poupado de extorsões, o que não ia durar muito tempo. Homens de bota preta andavam pela região atrás de soldados e contribuições, o que muitas vezes conseguiam na marra.

Ao ver seu esforço sabotado pelo governo de seu próprio país, o pai de Daniel começou a enxergar sentido no discurso radical que lideranças locais ligadas a grupos guerrilheiros usavam para atrair seguidores. Ele entendeu, sem muito esforço, fazer parte de uma guerra na qual fora inserido por engano. E como sua única vocação era plantar, tomou a decisão que lhe parecia mais acertada. “É coca então que a gente vai fazer crescer aqui. Em três meses estará tudo verde de novo, antes do próximo avião”, disse um homem desolado, deixando cair no chão um saco com as mudas da planta que iria pagar sua dívida com a cooperativa e costurar o destino de seu filho mais velho ao negócio da cocaína.

Enquanto centenas de milhares de famílias colombianas desistiam da vida no campo, abandonando o cultivo da coca e de outras culturas para engrossar a horda de pessoas desalojadas pela guerrilha, a família de Daniel, assim como muitas outras no Peru e na Bolívia, foram na direção contrária.<sup>4</sup> Aderiram ao plantio da coca para alimentar a produção de uma droga cujo consumo não dá sinais de trégua em várias partes do mundo, a despeito dos esforços de guerra para combatê-lo.<sup>5</sup>

Faltava pouco para metade da viagem. Depois de um dia e sete horas navegando pelo rio Solimões, a embarcação Itapuranga 3, que zarpara do porto de Tabatinga, fronteira do Brasil com a Colômbia, às quatro horas da tarde de terça-feira, passava pela cidade de Jutai, no Amazonas. O relógio batia onze da noite e boa parte dos passageiros dormia, derrubada pelo cansaço.

Os primeiros raios de sol acordariam todos na manhã seguinte, sem dó. Não havia mais o burburinho das conversas, apenas o barulho do motor e um radinho emitindo uma música sertaneja fora de sintonia.

Irina não conseguia dormir. Com os cotovelos apoiados na murada da popa, olhava pensativa para o rastro de espuma nas águas tornadas negras pela noite. O céu limpo, estrelado e sem lua não permitia que se enxergasse muito longe. Pequenas ilhas fluviais passavam à direita do barco. Árvores brotavam da água cuja superfície estava quase coberta por vegetação no trecho mais próximo à margem. O ambiente a tranquilizava e, ao mesmo tempo, causava temor. Bateu um medo irracional de morrer no meio do nada e ninguém saber, de ser engolida pelo verde para nunca mais voltar.

A barriga não aparecia, mas o terceiro filho estava lá, teimando em crescer contra sua vontade. Contava catorze semanas, a gravidez indesejada. Aos 21 anos, era uma mulher sem perspectivas. Não tinha mais ambições. Metera-se nessa viagem porque ninguém lhe dera conselho melhor.

Dois anos antes o cenário era outro. Casada com o homem de sua vida e mãe de outros dois filhos, não precisava trabalhar. Tinha uma casa confortável na comunidade onde fora morar com Neco e até mesmo empregada. Pensando nisso, sorriu um sorriso que não durou. Então vieram a prisão do marido, as carências, as urgências e as dívidas. Os filhos continuavam lá, e ela se sentia mais sozinha do que gostaria.

Passou a depender de favores constantes para manter a casa e cuidar das crianças. Amigas se afastaram. Os pais, havia muito tempo distantes, já não faziam mais diferença. Nem sequer sabiam onde estava naquele momento a filha única que tanto desgosto lhes deu.

O estômago embrulhava ao se lembrar das revistas vexatórias, humilhação certa quando ia visitar o marido no presídio, a cada quinze dias. O jogo do barco piorava a lembrança nauseante.

Olhou para trás a ver se alguém adivinhava seus pensamentos. Ninguém prestava atenção. Ao se voltar para o rio, deu de ombros para o passado. E daí tudo isso? Conforme o marido gostava de repetir: “Não há nada que o dinheiro não resolva, Galeguinha.”

Três filhos até que é um número legal, se você tem como se sustentar, alguém para ajudar e uma casa para morar. Com dinheiro, ele contrata até um bom advogado e sai de lá, pensou quase feliz, e a gente retoma a vida. Poderia trabalhar, quem sabe voltar a estudar. Irina começava a se divertir com seus devaneios.

Tentou focar o olhar nas margens escuras, nenhuma luz. Pequenas ilhas verdes que mais pareciam árvores flutuantes pontuavam a estrada de rio. Respirou o vento úmido com cheiro de mata. Voltara a sonhar. Só não esticou a divagação. Pouco depois da curva do rio, um pelotão de Fuzileiros da Selva havia montado uma blitz.

Irina percebeu algo estranho quando a embarcação reduziu a velocidade e a espuma que a hipnotizava perdeu densidade. O barulho do motor diminuiu. Andou até a proa e viu o barco embicando para atracar na margem. Intuiu que algo ruim estava prestes a acontecer.

“O que é aquilo?”, perguntou a um marinheiro, apontando para o pequeno barco onde se viam lanternas e homens de pé.

“É uma patrulha.”

“Patrulha!?”

“Uma operação do Exército começou há uns dias, deve ser isso.”

Irina sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Caminhou de volta para sua rede no segundo andar e repetiu para si mesma “Isso não está acontecendo”. Com as mãos molhadas de suor, deslizou para se recostar na rede. Fingiu dormir. Ouviu a movimentação dos demais passageiros no piso de baixo, passos fazendo ranger o assoalho de madeira do barco. Um tripulante anunciou que a embarcação iria abicar por ordem do Exército. Abicar seria espanhol ou gíria ribeirinha? Não sabia. Com o coração acelerado,



Irina tentava em vão pensar em outra coisa, porque, supersticiosa, acreditava que a imaginação tinha o poder de mudar o curso das histórias.

Revia sem querer todo o filme de sua vida: a infância de filha única bem-tratada, a adolescência rebelde e até a revolta de carregar um nome russo sem ser russa, mas filha de nordestinos, moradora de uma favela. Que ideia a da mãe. Acreditar que ela teria o mesmo destino da filha rica dos diplomatas russos para quem trabalhara como copeira.

Então veio a paixão fulminante que a tiraria de casa, os dois filhos, e agora isso? Por mais que tentasse relaxar e afastar a cena, antecipava o pavor de se imaginar algemada, sendo levada para a Polícia Federal, fichada como traficante. Toda sua vida fora construída em cima de escolhas. Pariu os filhos que quis. Apontou para a casa onde ia morar. Seus planos sempre deram certo e naquele dia não haveria de ser diferente.

O plano, infelizmente, estava torto desde a origem. Tinha sido pensado e decidido no mesmo dia da última visita íntima ao marido na cadeia. Irina chegara ao presídio com o coração apertado, pressentimento da conversa que iriam ter. Já estava rolando um buchicho no morro sobre mercadoria vendida e não paga. Neco foi preso devendo muito. Irina soube que seu temor procedia quando Neco começou a falar em caso de vida ou morte.

Ela não queria viajar de novo. Ele replicou que seria morto. Ela argumentou que morreria sozinha, num barco, sem ninguém saber, uma loucura. Não tenho saída, retrucou Neco, num cochicho, limpando os olhos verdes da moça com os polegares e tascando-lhe um beijo apertado nos lábios, antes de se desvencilhar do resto da roupa dela em silêncio. Tonta, Irina achou que ia vomitar. Afastou essa ideia da cabeça para não arruinar a chance que tinham de namorar.

Lençóis separavam o beliche de Neco dos demais. Ficaram em silêncio. Tentou abstrair a náusea provocada pelo cheiro de fritura das marmitas levadas pelas outras mulheres de presos, e pouco se ligou no que estavam fazendo. Detestava o vendedor ambulante de quitutes engordurados. Povo preguiçoso, pensava, em vez de fazer comida caseira compra essas porcas. Olhou mais uma vez o companheiro nos olhos. Neco tinha a barba

cerrada e o cabelo desgrenhado, o seu homem. Quando terminou a parte que lhe cabia, Neco voltou ao assunto.

“Ou eu pago a dívida, Galeguinha, ou eles me apagam aqui. Sou muito novo pra ter a carreira interrompida!”

A visão do corpo do marido perfurado de balas apareceu de imediato roubando-lhe a paz. Não fala assim, Neco, diria Irina, se a voz tivesse saído, porque, de tão baixa, pareceu um assobio. Irina sacudiu a cabeça como se o gesto fosse mandar embora o pensamento negativo. A resistência da moça já tinha começado a falhar e todas as justificativas para não viajar pareciam fugir de sua boca, uma depois da outra, para nunca mais voltar. Ficou muda. “Galega, olha pra mim. Tu vai falar com o Mete-Bala, entendeu?” Neco continuou, sedutor, insistente. “Ele arranja tudo, te passa os nome. Eu só posso confiar em tu porque é dinheiro demais, mercadoria da boa, neguinha”, completou com a voz doce que só ele sabia fazer. E encerrou a conversa com o mais convincente dos argumentos: “parte do dinheiro vai poder bancar minha saída daqui”.

Sabia que a mais pálida esperança de liberdade mudaria o ânimo da mulher, ora galega, ora neguinha. Instantes depois ela deixaria o presídio animada e com um plano pronto. Ia pagar à vizinha para tomar conta das duas crianças por uns dias. A desculpa seria um tratamento de saúde, numa cidade do interior, onde uma tia generosa a acompanharia e pagaria a conta. A história ia colar.

Seria o tempo necessário para ela ir de avião até Manaus, pegar a lancha rápida para Tabatinga e voltar no mesmo esquema. Sem atravessadores, sobraria mais dinheiro para o casal. Eu mereço esse dinheiro, disse para si mesma, cheia daquela autoconfiança cada vez mais rara desde que Neco fora preso. Tão empolgada estava que nem ligou para os erros de português que Neco cismava em fazer para se misturar ao ambiente do cárcere.

Os dois tinham quase completado o fundamental e sabiam bem as regras do português e da vida que levavam. Se conheceram no último ano em que frequentaram a escola. Em seguida, Irina engravidou, se somando aos milhares de adolescentes brasileiras que buscam na maternidade uma identidade e uma resposta às incertezas de um futuro sem muitas janelas.